

# José Joaquim de Lima e Silva

José Joaquim de Lima e Silva residiu na cidade do Rio de Janeiro e comandou o batalhão Imperial – criado em janeiro de 1823. À frente desta tropa o coronel cumpriu as determinações de D. Pedro e veio para a Bahia com a missão de auxiliar as forças comandadas por Labatut, na luta pela independência. Chegando à Bahia, em março de 1823, recebe do Comandante-em-chefe do Exército brasileiro o comando de uma das três brigadas para o ataque contra as forças portuguesas ainda localizadas na cidade do Salvador sob o comando de Madeira de Melo.

Devido a conflitos por questões políticas internas, inclusive tendo sido informado de uma conspiração de brasileiros para destituí-lo do comando do exército, o General Pedro Labatut, ordenou a prisão do coronel Felisberto Gomes Caldeira, por considerá-lo um dos líderes do movimento conspiratório e, em seguida, ordenou a José Joaquim de Lima e Silva que atacasse a 3ª Brigada rebelada desde a prisão de seu comandante. (TAVARES, 2001, p. 242).

Nesse processo, Lima e Silva reuniu, sob forma de um Conselho, os oficiais que serviam na sua Brigada, com os da Brigada do Tenente Coronel Barros Falcão, para decidir a respeito de se deviam ou não acatar a ordem do General Labatut. Ficou explícito que, se mantivessem a ordem imposta pelo general isso “significaria guerra civil, brasileiros contra brasileiros sob as vistas do exército do inimigo”. Sendo assim, assumiram três decisões importantes: a de não cumprir a ordem, depor Labatut e libertar o Coronel Felisberto Gomes Caldeira. (TAVARES, 2001, p. 242).

O Conselho do Governo Interino da Província – que já estava descontente com as posturas do general francês – reconheceu o “impedimento do Brigadeiro Labatut”, nomeando como comandante o Coronel José Joaquim de Lima e Silva, que, aos 35 anos, assumiu o cargo de Comandante-em-chefe do Exército, numa grande ofensiva contra os portugueses a 24 de maio de 1823.

Luís Henrique Dias Tavares explica com clareza como Lima e Silva reorganizou o Exército brasileiro e apresenta dados que são indicadores dessa nova organização:

Dirigiu ofício ao Lord Cochrane – convidado pelo Imperador D. Pedro,

para comandar os navios brasileiros – para solicitar apoio da marinha, e com ela apertou o cerco contra a cidade de Salvador que estava sob domínio português, restringindo o abastecimento de materiais de primeira necessidade.

Reorganizou o Exército criando o Estado Maior, duas divisões e quatro brigadas, entregando o comando da primeira Divisão ao Coronel José de Barros Falcão e o da segunda ao Coronel Felisberto Gomes Caldeira. Criou ainda duas brigadas especiais e a cavalaria, além de nove batalhões e cinco companhias – uma de crioulos, formada em Nazaré das Farinhas e outra de negros livres, denominada Companhia dos Libertos Imperiais.

Com suas tropas assim organizadas, o coronel Lima e Silva ordenou o ataque contra as trincheiras portuguesas a 03 de junho de 1823, que foi comandado pelo coronel Felisberto Gomes Caldeira. No avanço para o Forte de São Pedro, libertou as povoações de Brotas, Pituba, e Rio Vermelho. Em ação conjunta com Lord Cochrane bloqueou por terra e mar as tropas do general Madeira de Melo, impedindo o abastecimento de alimentos e outros materiais básicos, o que resultou na rendição dos exércitos lusitanos.

A 02 de julho de 1823, Lima e Silva entrou na cidade do Salvador à frente do Exército Libertador e foi recebido com festa pela população baiana diante da vitória contra os portugueses. A descrição e a imagem produzida no ano de 1830, em crayon por Bento Capinam – combatente da guerra – revelam a grandeza desse momento em que ele aparece cavalgando um cavalo preto, com a mão direita erguida em cumprimento ao povo. Esta serviu também de inspiração a Presciliano Silva que produziu uma tela em pintura a óleo, que se encontra em destaque no salão da Câmara Municipal de Salvador (OLIVEIRA, 2002, p. 57).

Em 1824, Lima e Silva foi nomeado ajudante de campo do imperador e, em 1831, Comandante de Armas da província. Em 1832, já residindo no Rio de Janeiro, foi nomeado presidente do Conselho Supremo Militar da Justiça, conselheiro de Estado em 1842 e secretário da guerra em 1845, recebendo ainda o título de Visconde de Magé por decreto do Imperador D. Pedro II, em 02 de dezembro de 1854 (FLEIUSS, 1924, p. 83). Em Salvador, a chamada “estrada das boiadas”, por onde marcharam às tropas sob seu comando, passou a chamar-se “estrada da liberdade” e, mais tarde, denominada, em sua homenagem, Avenida Lima e Silva.

José Joaquim de Lima e Silva era filho do Marechal-de-Campo José Joaquim de Lima e Silva, comendador da Ordem de Avis, e de Joana Maria da Fonseca Costa. Neto paterno do sargento-mor de infantaria João da Silva da Fonseca Lima e de Isabel Maria Josefa Brandão Ivo; era tio de Duque de Caxias; casou-se com Maria Eulália Lima Fonseca. Depois de ter passado ao coronel Felisberto Gomes Caldeira o comando das tropas, regressa ao Rio de Janeiro, onde residiu até sua morte, em 1855.

*Neuracy Maria de Azevedo Moreira*

## REFERÊNCIAS

- FLEIUSS, Max. *Páginas de História*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *Dois de Julho: a real independência*. Revista da Bahia. Salvador: Secult/FPC, 2002, p. 57-60.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. Salvador; São Paulo: UNESP; Edufba, 2001.